

A CIÊNCIA LITERÁRIA COMO CIÊNCIA DA VIDA, COMO "SABER SOBRE A VIDA" AOS OLHOS DE OTTMAR ETTE

ETTE, Ottmar. *SaberSobreViver. A (o)missão da filologia*. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, 320 p.

*Cláudia Fernanda Pavan
Gerson Roberto Neumann
Marianna Ilgenfritz Daudt*

No livro *SaberSobreViver*, o romanista alemão Ottmar Ette aborda a história disciplinar e as práticas do campo das literaturas românicas. O autor, que é professor de Letras Românicas e Literatura Comparada na Universidade de Potsdam, questiona e analisa o conceito de "sobrevivência" na ciência e na literatura e reivindica para os Estudos Literários os conceitos duplos de "saber sobre a vida" (ou, ainda, "saber da vida sobre si mesma") e "ciência da vida".

O livro foi publicado pela primeira vez na Alemanha em 2004, um momento de euforia científica proporcionada pelos grandes avanços das pesquisas genéticas, com a decodificação do genoma humano, as pesquisas sobre células-tronco e as possibilidades de se clonar a vida animal, o que levou às Biociências a serem proclamadas pela mídia e pelo público como a verdadeira ciência da vida. Ette, porém, chama a atenção para o fato de que, apesar de os representantes das ciências biológicas passarem a sensação de que a vida não seria mais do que “um código complexo, mas solucionável” (p.17), o ser humano não pode ser compreendido apenas como objeto de estudo e pesquisa da Biologia, pois faz parte de toda uma série de interações culturais e sociais que devem ser consideradas à luz de formas de pesquisa mais cooperativas entre as diversas ciências e que devem utilizar abordagens interdisciplinares e transdisciplinares capazes de dar conta de toda a multiplicidade de seu ser.

Assim, Ette questiona o que é o conhecimento sobre a vida e mescla conceitos científicos e filosóficos, analisando-os sob o prisma da Literatura como forma de

representar as realizações e formações discursivas mais diversas. Para o autor, o corpo e o conhecimento humanos fazem parte da escrita literária e, portanto, a Literatura também pode ser utilizada como objeto científico nos estudos sobre a vida. A partir de um ponto de vista semiológico pós-estruturalista, ele propõe que a Filologia, enquanto estudo científico e linguístico, tem a capacidade de unir as diferentes áreas do conhecimento e atribui a ela a missão de contribuir para que as ciências da vida possam ser mais amplamente compreendidas.

Saber Sobre Viver. A (o)missão da filologia (em alemão *ÜberLebenswissen: Die Aufgabe der Philologie*) é o primeiro livro de uma trilogia composta pelos dois outros volumes ainda sem tradução para o português intitulados *ZwischenWeltenSchreiben: Literatures ohne festen Wohnsitz* (Escrever entre mundos: literaturas sem residência fixa), publicado na Alemanha em 2006, e *ZusammenLebensWissen: List, Last und Lust literarischer Konvivenz im globalen Maßstabs* (Saber conviver: artimanha, carga e prazer da convivência literária em escala global), publicado na Alemanha em 2010; esses volumes tem em comum o fato de tratarem dos movimentos da literatura através das fronteiras e dos fazeres literários transnacionais e de examinarem a forma como uma escrita intercultural abarca conhecimentos sobre vida, convivência e sobrevivência.

O livro está dividido em nove capítulos, ao longo dos quais o autor busca se dedicar “às formas híbridas da escrita” (p.20), pois compreende que essa hibridez na escrita é capaz de cobrir um amplo espectro de representações da vida revelando seu caráter oscilante e sua condição de instável. Os capítulos podem ser lidos de forma independente, ainda que sejam conectados pelo mesmo questionamento temático. Os oito primeiros capítulos abordam questões referentes a mudanças que Ette considera essenciais na Romanística alemã e também questões referentes à literatura em movimento, sem morada fixa – conceito-chave nos estudos de Ottmar Ette. O último capítulo apresenta oito teses nas quais o autor discute o conceito atual de tolerância.

Ette demonstra especial interesse por autores que não se fixam a um único gênero literário, que cultivam formas híbridas e transculturais de escrita, marcadas pela fricção que, em última análise, é responsável pela criatividade e inovação características do fazer literário desses autores. Como modelo de flexibilidade transdisciplinar, ele elege Alexander von Humboldt, para quem a ciência não pode ser enclausurada, "elitista e alienada", mas deve "ter impacto positivo na sociedade, em seus avanços e na vida de suas cidadãs e de seus cidadãos" (p. 49). Ette enaltece Humboldt como grande promotor da ciência e aponta-o como figura-símbolo para uma ciência do século XXI.

Das ciências culturais e intelectuais alemãs, em especial da Romanística, Ette demanda uma postura estética e sensorial e, simultaneamente, um senso de responsabilidade ético-político em relação ao conhecimento. Baseando-se em Barthes e Friedrich, ele reclama, ainda, mais prazer e ousadia especialmente nas formas de exposição e na competência performativa – o que possibilitaria "vivenciar a ciência como processo cognitivo" (p. 53).

Para Ette, a Romanística deve deixar os muros acadêmicos, tornar-se mais acessível, mais popular: democratizar-se. Segundo ele, a "filologia da literatura mundial, ainda por fundar, teria que ser fundamentalmente uma filologia sem morada fixa, e que tem em todo lugar sua própria casa" (p. 96). Uma filologia que privilegia os contatos entre estudos acadêmicos e textos literários, permitindo uma diversificação do público para além dos bancos da universidade. Para o autor, a filologia deve imbricar senso e sensação em uma literatura que pode, por meio de uma prática acadêmica integradora, manter uma relação frutífera com a ciência, argumentando que "Sem o prazer do texto, sem o jogo entre literatura e prática acadêmico-científica não haverá ciência fruidora" (p.99), mesmo além das áreas dos Estudos Literários e da Literatura.

O prazer, a sensorialidade e a fricção são temas essenciais ao longo do livro. A literatura deve ser encarada com mais leveza e deve distanciar-se das regras e dos jogos de poder presentes no meio acadêmico. Ette deixa claro que a literatura precisa

movimentar-se, migrar, atravessar fronteiras, integrando, assim, culturas e regiões não europeias, pois como afirma Auerbach, "o intelecto não tem nacionalidade" (p. 95).

A história da Romanística alemã é retratada desde seu início na obra. Dessa forma, Ette apresenta importantes autores, como Auerbach, Koehler, Friedrich e Krauss, este último um dos expoentes mais importantes da Romanística alemã. Como outros autores ilustrados no livro, Krauss não se limita apenas à literatura, mas também se dedica à ciência. Seu romance, *PLN, die Passionen der halykonischen Seele* [PLN, as paixões da alma halykoniana], foi escrito "na situação extrema da cela de um condenado à morte" (p. 103), um livro, pois, "acorrentado", lembrando as palavras do próprio Krauss.

Ao analisar o romance, Ette reflete sobre os sentidos do título e sua óbvia relação com o código postal (PLZ) criado na Alemanha durante o regime nazista. O Z de PLZ sofre uma rotação de 90°, transformando-se em N, que passa, então, a representar tudo aquilo que Krauss repudia: o nazismo, a discriminação e a coisificação de tudo e de todos. Desse modo, a distorção é elemento-chave na leitura, não só do título, mas do romance como um todo. Não se trata, contudo, de criar um disfarce, mas de marcar exatamente a nitidez distorcida daquilo que se pretende dizer. Assim como outras obras apresentadas no livro, *PLN* esquiva-se de uma classificação: não é apenas literatura de cárcere ou romance de resistência, "é infinitamente mais: uma literatura do limite, a qual busca, diante do seu calar, e sim, em seu calar, abundância e plenitude" (p. 113).

A Romanística alemã foi significativamente influenciada pelo Terceiro Reich e esse fato, como mostra Ette, precisa ser analisado e despido de preconceitos e estigmas. Autores como Krauss, Auerbach, Arendt, Aub, entre outros, são todos sujeitos que sofreram as abominações dos campos de concentração, da deportação, do exílio. Assim, a literatura se mostra, em contextos totalitários, como estratégia de sobrevivência, de salvação, capaz de "transformar fragmentos dispersos do saber sobre a vida em saber-sobre-viver" (p. 16).

Com a análise de trechos de poemas, ensaios, contos e peças de teatro de Emma Kann, Hannah Arendt, Gustav Regler e Max Aub, envolvendo suas experiências com

contextos extremos de sobrevivência, Ette demonstra o potencial interdisciplinar da literatura de reunir e sobrepor diferentes áreas do conhecimento, e explica que estes escritores “traduziram a experiência do campo em formas filosófico-literárias, nas quais se expressa um conhecimento de vida e de sobrevivência” (p.232). Tais conhecimentos, mesmo pertencentes a momentos passados, são capazes de evocar diversos significados válidos também em um contexto atual de pós-modernidade global, lembrando-nos das “sobreposições de uma história violenta de marginalizações e discriminações” (p. 232).

Sobre o tema da migração, o autor utiliza a biografia pessoal do escritor Max Aub – cuja vida foi marcada por fugas, perseguições e aprisionamentos associados às delimitações de fronteira – e seu livro *Manuscrito Cuervo* para discutir o conceito de fronteira. Ette atribui às fronteiras uma existência mítica, de realidade apenas ficcional, pois não existem delimitações territoriais exatas, e aponta que os limites geográficos encontram precisamente na arbitrariedade de sua delimitação o enraizamento mítico que é capaz de se instalar na consciência e no conhecimento humano como definição simbólico-linguística complexa e mutável. Ele associa as fronteiras territoriais às fronteiras linguísticas que se formam a partir de uma limitação humana de se comunicar em uma língua universal. Porém, também “o vínculo territorial dos seres humanos com uma língua específica é limitado” (p.234), pois os humanos são seres inerentemente migratórios que podem adentrar outros territórios e os assumir como pátria linguística.

No entanto, os processos de migração em um mundo delimitado por fronteiras são frequentemente marcados por situações dramáticas que envolvem os mais diversos processos históricos. Neste ponto, Ette descreve a situação migratória da Europa com estatísticas que mostram que, atualmente, os imigrantes provêm majoritariamente do terceiro mundo e em grandes números, o que torna a migração também um processo social, político e econômico de grande escala. A literatura que resulta desses desenvolvimentos migratórios tem o poder de manifestar o movimento de uma Europa multicultural, intercultural e transcultural, na medida em que as histórias individuais

se justapõe, coexistem e se confundem em uma profusão literária e cultural inteiramente positiva e voltada para o futuro.

SaberSobreViver é um livro eminentemente político. No último capítulo, Ette apresenta oito teses, nas quais faz uma crítica pormenorizada ao atual conceito de "tolerância". Segundo ele, tal conceito de tolerância implica uma cultura dominante e homogeneizadora, na qual o "consentimento provisório" é tática de poder disfarçada sob um manto de liberalidade. A postura contra uma tolerância imposta de cima para baixo, que Ette compartilha com Humboldt, resulta em um apelo em favor da diferença e da diversidade, pois só assim é possível alcançar a verdadeira tolerância. É urgente, portanto, que as ciências tomem "posição para além de seu campus, de seu próprio campo de jogo" (p. 260). O conceito de tolerância deve ser compreendido "como prática político-jurídica, como um comportamento ético-moral individual, e também como conceito econômico-cultural-filosófico" (p. 262).

A impressionante diversidade de textos e de vozes que compõem essa obra bem como a leitura de Ette trazem novas perspectivas ao leitor e, ao mesmo tempo, promovem um profundo entrelaçamento entre os textos, formando um tecido no qual a literatura funciona como mídia de armazenamento – interativa e em constante transformação – de saberes sobre a vida.

Em um mundo em que a diferença e a diversidade são a regra, discuti-las – como faz Ette exemplarmente nesse livro – é uma das formas mais legítimas de compreendê-las, reconhecê-las e torná-las parte da nossa vida, da nossa cultura, da nossa literatura e da nossa ciência.

REFERÊNCIAS

- ETTE, Ottmar. *SaberSobreViver. A (o)missão da filologia*. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, 320 p.
- ETTE, Ottmar. *ÜberLebensWissen. Die Aufgabe der Philologie*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2004. 318 p.